

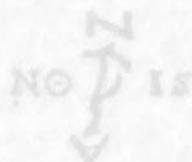


JESUS EVRGO ANTCESS EXA TVES PASCS HA CVENJT TBETH 9 ANTA MVKAT
JYKRAOTIAZA VVJMDOKTVVVS 9 VECMVS SVJCTYTA VITIVES VJFEA CEKVNT
LAUTE MTTCA ENAPM TBETE TOMARTHA HMINISTRKABA TCHASARVSO
VCKOVNXVSEKATTE ATSCO UOLENTA TLVJCVJMMARTALERGOACB CEP
TILKTBKAMUNNGEN TTJNAKATPFJTICIPRETIOVSTETVNEXTTPE
dPESIKVAETEXTE...
PLTTAESTCEXVNG...
TSETVIXTVdXSCANJORT...
HENVTVMNONXVENYITGKEENPAISDENADRVJSETDAA TUMESGTE
GENTCS? DTXTNVTMHOECNO NQVSTA DESGEMTS PERRTINEB EAT
adCVTMSCEQVHNF PKELB JE TLOV CVIOJHCA HENJECQVACMVTITJCHA
MOTVYKROTNA BETEDXTTICJRGOTESHVJSTINCPITLLAMVNITXDIKES
EPVIGTVKAECMSEAESCRVNETILLQVAPAVPJEKESENHTMJCETMPGCKHA
BEMTTSNOLTTSCVMFMEAVTETMNONSESMPERHA VBENS CJOGNO
VILIEKOTZVRBAMV9LTA CXTMVDACTST9VTA TLOLTCESTXETVENE
AKVNTNONNPROTCPRTESV=ETANTMMSJEDVTLVZAKVMPVTD ER
EH=TYVCMKSVJCTAOVITAMOKRTVTS CPQGTAVKERVNTAHVTECMF
NVTXCTPEJSSACEHC JOTVVMTE TIZKAVVMTNATCRFTCTKENT9
LVTA MVLVTTPROPYICRTICKXVQZAHIBON ILXVGT=2ETSNETCRCA
dCBAN TINTESVM

O PRIORADO DE SÃO

OS GUARDIÕES DO CÓDIGO

FLÁVIO KOTRIN



JESV. MEdCia. VULNCR 大有 PES. VNA. POXITENTIVOM.
PER. MAGDALINA, LACHYU TAHYU (kata, NOSTHA. dilVAS.



ÍNDICE

Capítulo I	
INTRODUÇÃO	9
Capítulo II	
O SAGRADO FEMININO	11
Capítulo III	
JESUS, MARIA MADALENA E A IGREJA CATÓLICA	15
A Origem Nobre de Jesus	27
Jesus Nasceu em 25 de Dezembro?	28
Ísis e Osíris	31
Os Segredos, a Igreja e seus Mistérios	34
Capítulo IV	
A LANÇA DO DESTINO	37
Capítulo V	
A CRUZ: SIMBOLOGIA E FORMAS	43
Capítulo VI	
A LINHAGEM MEROVÍNGIA	58
Filhos do Deserto	67
A Simbologia e a Linhagem Merovíngia	68
A Unção Papal e a Linhagem Carolíngia	70
Napoleão e os Merovíngios	72
Capítulo VII	
OS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS	74
Os Cátaros	88
Tesouros e Relíquias	91
Capítulo VIII	
O PRIORADO DE SIÃO	94
Estatutos e Hierarquia do Priorado de Sião	99
Os Principais Nautonniers do Priorado de Sião	106
Capítulo IX	
RENNES-LE-CHÂTEAU	129
A História	129
Rennes-Le-Château e os Locais Sagrados	133
Bérenger Saunière, Rennes-Le-Château e o Priorado de Sião	135
O Significado do Dia 17 de Janeiro para Rennes-Le-Château	138
Capítulo X	
O SIMBOLISMO DO NÚMERO 17	140
Nicolas Flamel e o “Oculto” 17 de Janeiro	142
Capítulo XI	
OS CÓDIGOS SECRETOS	143
As Pinturas Enigmáticas de Poussin e Teniers	150
Geometria Sagrada	152
Os Templários e a Linhagem Merovíngia	153
Nicolas Poussin	156
<i>Le Serpent Rouge</i> (A Serpente Vermelha)	159

Texto Original em Francês: <i>Le Serpent Rouge</i>	167
Capítulo XII	
TESE, ANTÍTESE E SÍNTESE	172
BIBLIOGRAFIA	178

A palavra “heresia”, etimologicamente, vem do latim e significa simplesmente “escolha”. Inicialmente, o termo “heresia” não era pejorativo, tendo adquirido com o passar dos anos um significado negativo, como “escolha errada” ou “escolha censurável”.



Capítulo I

INTRODUÇÃO

O Priorado de Sião foi criado para proteger um dos maiores segredos da humanidade — a prova de que Jesus e Maria Madalena foram casados e tiveram uma filha. Segundo a “lenda”, esse fato teria gerado uma ilustre linhagem (os Merovíngios), que através dos séculos tornaram-se reis, filósofos, alquimistas, cientistas e políticos de tal importância que influenciaram e interferiram no desenrolar da história do mundo.

A atuação tanto dos descendentes diretos da sagrada família quanto dos membros da Ordem do Priorado de Sião sempre foi e continuará sendo nos bastidores da história. Uma informação como essa já seria suficiente para abalar a estrutura da sociedade como a conhecemos, pois nos confronta com uma possível realidade que faz tremer os alicerces da Igreja Católica, dos Evangélicos e das demais seitas pseudocristãs.

Muito do que tem sido escrito a respeito do Priorado é sempre apresentado de maneira fragmentada e envolto em uma bruma de mistério. Até agora não houve um aprofundamento sobre o tema, já que ele é sempre tratado como assunto secundário, pois o foco principal está sobre a obra de ficção *O Código Da Vinci*, escrito por Dan Brown, um *best-seller* que já vendeu milhões de livros por todo o mundo.



Os dogmas e as doutrinas de religiões como o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo, este último transmutado no que conhecemos hoje como Catolicismo, têm algo em comum: a supressão do elemento feminino como uma parte integrante e de igual valor no que se refere à importância deste elemento na formação e nos conceitos dessas religiões.

A relevância da mulher e seu papel, sem um rompante de feminismo absoluto, foi sendo suprimido pela Igreja Católica ao longo dos primeiros séculos de nossa era até nossos dias. Isso é facilmente comprovado quando analisamos a situação da mulher nessas doutrinas. A elas foi relegado um papel secundário, sem uma atuação efetiva. Não há, por exemplo, nessas religiões, o ordenamento ao sacerdócio para mulheres, apesar de nos primórdios do Cristianismo a mulher e o sagrado feminino, conceito oriundo do Paganismo e posteriormente do Gnosticismo, tivessem uma atuação e um papel algumas vezes principal ou de igual valor ao masculino. Isso se aplica ao que aconteceu à Maria Madalena e, também de forma genérica, à Virgem Maria (Mãe de Jesus). O que faremos a seguir é analisar de maneira coesa e direta essa situação e seus desdobramentos e, acima de tudo, trazer à luz informações que estiveram perdidas por séculos, traçando uma linha cronológica a respeito da ordem iniciática chamada *O Priorado de Sião*, do início da Era Cristã até os dias de hoje.



Capítulo II

O SAGRADO FEMININO

Durante o século I d.C., a Alexandria¹ era um grande centro de atividades esotéricas, teológicas e metafísicas, um verdadeiro amálgama composto de influências de doutrinas herméticas, como a judaica, a mitraica, a zoroástrica e a pitagórica.

Nos primórdios do Cristianismo, a adoração à Deusa/Mãe chegou ao conhecimento dos cristãos por intermédio de judeus que haviam adotado o neoplatonismo aprendido na Alexandria com base no Paganismo grego.

As pessoas adoravam as estrelas, que acreditavam ser deuses e deusas que regiam o mundo. Para eles, a constelação de Virgo era a Grande Deusa/Mãe que regeu a Era Dourada da civilização chamada Lemuria, que precedeu a de Atlântida. Esta tradição astrológica foi transmitida às culturas pagãs sucessivamente através da história da humanidade e para cada uma delas havia uma diferente representação mitológica de Virgo, a Grande-Mãe. Nana, Vésper, Ishitar, Deméter, Hecate, Themis, Hera, Astreia, Diana, Cybele, Ísis, Fortuna, Erigone, Sibylla eram algumas delas. Essa divindade era cultuada antes que se tivesse conhecimento dos deuses masculinos da Mitologia Clássica.

1. Antiga capital do Egito, famosa na Antigüidade por sua monumental biblioteca, seu farol e pelas atividades de seus filósofos e cientistas.



A adaptação grega de Virgo era Deméter², que teve a filha Koré seqüestrada por Hades, o deus dos subterrâneos. A jovem, agora transformada em mulher, passou a chamar-se Perséfone e tornou-se a rainha do senhor das trevas.

Os judeus de Alexandria que adoravam Koré, a deusa grega que passara a chamar-se Perséfone, conseguiram converter a adoração da deusa pagã em uma tradição teologicamente respeitável chamada de Gnosticismo³, palavra derivada de Gnose⁴, dando para a deusa aspectos da simbologia cristã. Embora eles a adorassem como à Virgem Santa, os gnósticos dão a esse culto uma conotação completamente diferente comparada a dos cristãos. Da cultura gnóstica de Alexandria a Deusa-Mãe evoluiu para Maria Madalena.

Na opinião de muitos pesquisadores, os melhores textos gnósticos são de inspiração ou tem a sua origem em Alexandria, que é também a fonte principal dos textos gnósticos que fazem a ligação de Jesus à Maria Madalena. De acordo com esta tradição, foi para Maria Madalena, ao invés de Pedro e os apóstolos masculinos, que Jesus transmitiu sua “doutrina secreta”.

A adoração da Deusa-Mãe, Virgo, sob o título de Ísis⁵, ultrapassou as fronteiras do Egito para Israel e daí para o Império Romano. O culto à Ísis foi difundido no Egito no período dinástico. Do Egito seguiu em direção ao Norte, para a Fenícia, a Síria e a Palestina, a Ásia Menor, Chipre, Rodhes, Creta, Samos e outras ilhas no mar Egeu e para muitas partes da Grécia, como Corinto e Argos entre outras; chegou em Malta e Sicília e, final-

2. Deusa da fertilidade da terra, seu nome significa Mãe/Terra.

3. Movimento religioso e filosófico, de caráter sincrético e esotérico, nascido na Antigüidade e que se desenvolveu nos primeiros séculos de nossa era à margem do Cristianismo institucionalizado, combinando misticismo e especulação filosófica.

4. Cujas origens etimológicas são a palavra grega “gnosis”, que significa “conhecimento”, um conhecimento iniciático e superior ao do mundo profano.

5. Símbolo da maternidade, doadora de vida e principal divindade egípcia.



mente, em Roma. No primeiro século a.C., Ísis era talvez a deusa mais popular na Cidade Eterna da qual o culto se difundiu até os limites do Império Romano, inclusive para a Inglaterra.

Na realidade, a adoração da Virgem Maria na Igreja Católica Apostólica Romana e toda a tradição católica têm uma ligação direta com a adoração de Ísis no Egito. “Imaculada é nossa Senhora Ísis...” As mesmas condições aplicam-se à simbologia da Virgem Maria. As semelhanças estão em títulos, símbolos, ritos e cerimônias.

Em 412 d.C., Ciro tornou-se o bispo de Alexandria e abertamente abraçou a causa de Ísis, a deusa egípcia, transformando-a em Maria, a mãe de Deus. Durante seu bispado, Ciro escreveu com fervor e extensamente contra a heresia dos nestorianos⁶ e os condenou no Concílio Ecumênico de Éfesus, na Grécia⁷. Embora tenha condenado a heresia de Nestório, o Concílio aprovou sua reverência à Virgem Maria. Nestório e seus seguidores foram exilados para o Império Persa e tornaram-se a Igreja Ortodoxa Assíria do Leste.

Assim, o que parece ter sido apenas uma operação de dialética clássica foi muito mais, pois o caminho tinha sido aberto para Maria ser transformada na “Mãe de Deus”, correlata a uma deidade do arquétipo da Deusa-Mãe Ísis, que compartilhou a divindade com o filho Hórus.

Principais decisões do Concílio de Éfesus:

- a) Cristo é uma só pessoa e duas naturezas.
- b) Definição do dogma da maternidade divina de Maria, contra Nestório.

6. Seguidores de Nestório, teólogo grego, patriarca de Constantinopla de 428 a 431 d.C. que pregava uma doutrina herética que negava a maternidade da Virgem Maria.

7. Ocorrido de 22 de junho a 17 de julho de 431 d.C. durante o pontificado do Papa Celestino I (422 d.C. – 432 d.C.). Sua filosofia e cultura derivaram do Egito e de tradições ocultas e iniciáticas das civilizações pré-diluvianas.



14 O SAGRADO FEMININO

- c) Maria é mãe de Deus — “Mãe de Deus não porque o Verbo de Deus tirou dela a sua natureza divina, mas porque é por causa dela que Jesus tem o corpo sagrado dotado de uma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, diz-se que o Verbo nasceu segundo a carne”.
- d) Condenou o Pelagianismo, de Pelágio, que negava os efeitos do pecado original.
- e) Condenou o Messalianismo, que defendia uma total apatia ou uma moral indiferente.



Capítulo III

JESUS, MARIA MADALENA E A IGREJA CATÓLICA

O papel de Maria Madalena na vida de Jesus e na evangelização que se espalhou pelo mundo foi bem diferente daquele perpetuado a seu respeito.

Até hoje, se for perguntado a qualquer católico ou simpatizante quem foi Maria Madalena, a resposta provavelmente será: a prostituta arrependida de seus pecados, purificada e redimida por Jesus... Porém, não há em lugar algum da Bíblia essa afirmação, como é do conhecimento de teólogos, especialistas e pesquisadores do Antigo e do Novo Testamento. Por quase dois mil anos, a Igreja Católica, de maneira providencial, deixou que essa lenda fosse perpetuada. O Vaticano veio a corrigir essa informação somente em 1969, 1.378 anos depois.

Segundo o Padre Richard P. McBrien¹, em seu depoimento no documentário produzido pelo conceituado

1. Formado na Universidade Gregoriana Pontifical de Roma, em 1967, professor e responsável pelo Departamento de Teologia na Universidade de Notre Dame (E.U.A.). Os interesses acadêmicos do padre McBrien estão nas áreas de ordens eclesíásticas, na relação entre religião e política e nas dimensões teológicas, doutrinárias e espirituais da tradição católica. Autor de diversos livros que levantam questões de extrema importância no que se refere ao questionamento do papel atual da Igreja Católica como religião e instituição, abordando de maneira coesa e com embasamento teológico irrepreensível títulos como: *Do We Need the Church?*, 1969 (*Nós Precisamos da Igreja?*); *The Remaking of the Church*, 1973 (*Reconstruindo a Igreja*); *Religion and Politics in America*, 1987 (*Religião e Política na América*); entre outros. Foi editor-chefe da conceituada *Enciclopédia Católica Harper Collins* (1995), presidente da Sociedade Teológica dos E.U.A. e ganhador do Prêmio John Courtney Murray, por suas realizações e distinção em Teologia.

